

O MUNDO DA ESCRITA



MARTIN PUCHNER

O mundo da escrita

Como a literatura transformou a civilização

Tradução

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Martin Puchner
Publicado mediante acordo com Baror International, Inc., Armonk, Nova York,
Estados Unidos.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Written World: The Power of Stories to Shape People, History, Civilization

Capa

Victor Burton

Preparação

Leny Cordeiro

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Puchner, Martin

O mundo da escrita : como a literatura transformou a civilização / Martin Puchner; tradução Pedro Maia Soares. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: The Written World : The Power of Stories to Shape People, History, Civilization.

ISBN 978-85-359-3222-5

1. Comunicação escrita — História 2. Literatura — História e crítica
3. Literatura e sociedade I. Título.

19-24643

CDD-809.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Escrita : Literatura : História e crítica 809.93

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Amanda Claybaugh

Sumário

<i>Introdução</i> — O nascer da Terra	9
Mapa e linha do tempo do mundo da escrita	22
1. O livro de cabeceira de Alexandre	25
2. Rei do universo: A respeito de Gilgamesh e Assurbanípal ..	48
3. Esdras e a criação da escritura sagrada	71
4. Aprendendo com Buda, Confúcio, Sócrates e Jesus	89
5. Murasaki e o <i>Romance de Genji</i> : O primeiro grande romance da história universal	128
6. Mil e uma noites com Sherazade	153
7. Gutenberg, Lutero e o novo público da imprensa	179
8. O <i>Popol Vuh</i> e a cultura maia: Uma segunda tradição literária independente	207
9. Dom Quixote e os piratas	230
10. Benjamin Franklin: Empresário dos meios de comunicação na República das Letras	251
11. Literatura universal: Goethe na Sicília	273

12. Marx, Engels, Lénin, Mao: Leitores do <i>Manifesto do Partido Comunista</i> , uni-vos!	294
13. Akhmátova e Soljenítsin: Escrevendo contra o Estado soviético	316
14. A <i>Epopéia de Sundiata</i> e os artífices da palavra da África Ocidental	334
15. Literatura pós-colonial: Derek Walcott, poeta do Caribe ..	351
16. De Hogwarts à Índia	372
<i>Agradecimentos</i>	387
<i>Notas</i>	389
<i>Créditos das imagens</i>	429
<i>Índice remissivo</i>	435

Introdução

O nascer da Terra

Às vezes tento imaginar o mundo sem literatura. Eu sentiria falta dos livros nos aviões. Livrarias e bibliotecas teriam espaço de sobra nas estantes (e as minhas não estariam transbordando). A indústria editorial não existiria como a conhecemos, nem a Amazon, e não haveria nada em minha mesa de cabeceira quando não consigo dormir à noite.

Tudo isso seria lamentável, mas mal arranha a superfície do que seria perdido se a literatura nunca tivesse existido, se as histórias só fossem contadas oralmente e nunca tivessem sido escritas. Um mundo assim é quase impossível de imaginar. Nosso sentido de história, da ascensão e queda de impérios e nações, seria completamente diferente. A maior parte das ideias filosóficas e políticas nunca teria existido, ou teria sido esquecida, porque a literatura que deu origem a elas não teria sido escrita. Quase todas as crenças religiosas desapareceriam junto com as escrituras nas quais foram expressas.

A literatura não é apenas para os amantes dos livros. Desde

que surgiu, há 4 mil anos, ela moldou a vida da maioria dos seres humanos que vivem no planeta Terra.

Como descobririam os três astronautas a bordo da Apollo 8.

“Tudo bem, Apollo 8. Vocês estão indo para a TLI. Câmbio.”¹

“Roger. Compreendemos que estamos indo para a TLI.”

No final de 1968, circundar a Terra já não era uma novidade. A Apollo 8, a mais recente missão americana, tinha acabado de passar duas horas e 27 minutos em órbita terrestre. Não houve grandes incidentes. Mas Frank Frederick Borman II, James Arthur Lovell Jr. e William Alison Anders estavam no limite. A nave se preparava para tentar uma nova manobra, a injeção translunar (TLI). Eles estavam se afastando da Terra, prontos para zarpar espaço afora. Com destino à Lua. A qualquer momento acelerariam para 38 950 quilômetros por hora, mais rápido do que qualquer ser humano tivesse viajado até então.²

A missão da Apollo 8 era relativamente simples. Eles não pou-sariam na Lua; nem sequer tinham a bordo um veículo de pouso. Deveriam observar como era a Lua, identificar um local de pouso apropriado para uma futura missão Apollo e trazer de volta fotos e material filmado que os especialistas pudessem examinar e estudar.

A injeção translunar que propulsionaria o voo prosseguiu como planejado. A Apollo 8 acelerou e mergulhou no espaço. Quanto mais avançavam, melhor podiam ver o que ninguém jamais vira antes: a Terra.

Borman interrompeu os procedimentos para identificar as massas de terra que giravam abaixo dele: a Flórida, o cabo da Boa Esperança, a África. Podia avistá-las todas ao mesmo tempo.³ Era o primeiro homem a ver a Terra como um único globo. Anders tirou a foto que captaria essa nova visão, a Terra se elevando acima da superfície da Lua.

À medida que a Terra ia ficando menor, e a Lua cada vez



Fotografia da Terra tirada a partir da órbita lunar por Bill Anders, membro da tripulação da Apollo 8, em 24 de dezembro de 1968, conhecida como “Nascer da Terra”.

maior, os astronautas tiveram dificuldade para captar tudo com a câmera. O controle em terra se deu conta de que os viajantes precisavam confiar numa tecnologia mais simples: a palavra falada. “Gostaríamos que, se possível, fizessem uma descrição tão detalhada quanto vocês, poetas, são capazes de fazer.”⁴

Ser poeta era uma tarefa para a qual o treinamento de astronauta não os havia preparado e para a qual não tinham nenhuma habilidade em particular. Eles haviam sido aprovados pelo implacável processo de seleção da Nasa porque eram os melhores pilotos de caça e sabiam alguma coisa sobre a ciência dos foguetes. Anders frequentara a Academia Naval e depois ingressara na Força Aérea, onde serviu como piloto de interceptadores no Comando de Defesa Aérea, na Califórnia e na Islândia. Mas agora precisava encontrar palavras — as palavras certas.

Ele destacou as “alvoradas e os poentes lunares”. “Estes, em particular, ressaltam a natureza árida do terreno”, disse, “e as longas sombras ressaltam realmente o relevo que há aqui, e que é difícil de ver nessa superfície tão clara pela qual estamos passando agora.”⁵ Anders pintava um quadro desolado da luz brilhante que atingia a dura superfície lunar, criando sombras precisas — seu trabalho como piloto de combate talvez o tenha ajudado. Ele estava se tornando um poeta na grande tradição americana do imagismo, adequado à perfeição para algo árido e brilhante como a Lua.

Lovell também havia frequentado a Academia Naval e depois ingressara na Marinha; como seus companheiros, passou a maior parte da vida em bases aéreas. No espaço, mostrou predileção por outra escola de poesia: a sublime. “A vasta solidão da Lua é assombrosa”, arriscou.⁶ Os filósofos haviam refletido sobre o assombro que a natureza podia inspirar; cachoeiras, tempestades, qualquer coisa grande, grande demais para ser bem captada e enquadrada, serviria. Mas eles não poderiam imaginar como seria estar lá fora, no espaço. Era o sublime supremo, a experiência assombrosa da vastidão que com certeza os esmagaria e faria com que se sentissem minúsculos. Tal como os filósofos previram, essa experiência fez com que Lovell valorizasse a segurança do lar. “Isso faz a gente perceber exatamente o que se tem lá na Terra. Daqui, a Terra é um oásis grandioso na grande vastidão do espaço.”⁷ O dr. Wernher von Braun, que construía o foguete para a Apollo 8, deve ter compreendido: ele gostava de dizer que “um cientista do espaço é um engenheiro que ama a poesia”.⁸

Por fim, lá estava Borman, o comandante. Borman formara-se pela Academia Militar dos Estados Unidos, em West Point; entrara para a Força Aérea e se tornara piloto de caça. A bordo da Apollo 8, passou a ser eloquente: “É um tipo de existência vasta, solitária, intimidante, ou vastidão do nada”.⁹ Solitária, intimidante, existência, nada: era quase como se Borman tivesse frequentado a margem esquerda do Sena, em Paris, lendo Jean-Paul Sartre.

Depois de se tornarem poetas do espaço, os três astronautas chegaram ao seu destino final: estavam dando voltas na Lua. A cada rotação, a Apollo 8 desaparecia atrás do satélite, onde ninguém nunca estivera antes, e a cada vez perdiam o contato por rádio com a Terra. Durante a primeira ausência de cinquenta minutos, houve muito roer de unhas em Houston, no Texas, o quartel-general de controle da missão. “Apollo 8, Houston. Câmbio.” “Apollo 8, Houston. Câmbio.” O controle da missão continuou chamando, enviando ondas de rádio para o espaço, mas sem resposta. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes. Passaram-se segundos, minutos. Então, na sétima tentativa, receberam uma resposta: “Vá em frente, Houston. Aqui é Apollo 8. Combustão completa”. O controle ficou aliviado e exclamou: “Que bom ouvir a voz de vocês!”.¹⁰

Durante as quinze horas seguintes, os astronautas continuaram a desaparecer e reaparecer, mudaram de posição, manobram a cápsula, tentaram dormir um pouco e prepararam o caminho de volta à Terra. Para tanto, eles precisariam disparar o foguete no lado escuro do satélite, sem contato de rádio, a fim de escapar da atração da Lua e ganhar impulso suficiente para voltar à Terra. Dispunham apenas de uma tentativa para isso — se falhassem, ficariam girando em torno da Lua pelo resto de suas vidas.

Antes dessa manobra, eles queriam enviar uma mensagem especial à Terra. Borman a escrevera num pedaço de papel à prova de fogo e até os fizera ensaiar. Nem todos pareciam partilhar o mesmo entusiasmo pela ideia. Antes da transmissão, Anders perguntou: “Posso ver aquela sinopse — aquela... coisa?”.¹¹ “O quê, Bill?”, perguntou Borman, um tanto passivo-agressivo. Não era o que esperava que falassem sobre a próxima apresentação. “A coisa que devemos ler?”, respondeu Anders, com mais cuidado. Borman deixou passar. Tudo o que importava agora era a leitura em si.

Eles retornaram do lado escuro da Lua e anunciaram a Houston: “Para todas as pessoas na Terra, a tripulação da Apollo 8 tem

uma mensagem que gostaríamos de enviar”.¹² E então eles leram a mensagem, embora estivessem atrasados e ainda tivessem pela frente o perigoso disparo final do foguete e a viagem de regresso à Terra, onde todos estavam comemorando o Natal. Anders, o imagista espacial, começou:

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. Deus disse: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas.

Depois Lovell leu:

Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia. Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. Deus fez o firmamento, que separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, e Deus chamou ao firmamento “céu”. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.¹³

Então foi a vez de Borman, mas ele estava com as mãos ocupadas. “Você pode segurar esta câmera?”, perguntou a Lovell. Agora com as mãos livres, Borman segurou o pedaço de papel:

Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente”, e assim se fez. Deus chamou ao continente “terra” e à massa das águas “mares”, e Deus viu que isso era bom.

Na Terra, uma audiência de 500 milhões de pessoas ouvia fascinada. Foi a transmissão ao vivo mais popular na história do mundo.

Havia dúvidas sobre a necessidade de enviar homens à Lua. Para muitos propósitos, uma sonda não tripulada equipada com câmeras e outros instrumentos científicos teria sido suficiente. Ou a Nasa poderia ter usado um chimpanzé, como fizera em missões anteriores. O primeiro americano no espaço tinha sido Ham, um chimpanzé de Camarões, capturado e vendido para a Força Aérea dos Estados Unidos. Entre os russos e os americanos, um zoológico inteiro fora enviado lá para cima, como se numa Arca de Noé condenada: chimpanzés, cães, tartarugas.

A tripulação humana da Apollo talvez não tenha contribuído muito para a ciência, mas contribuiu para a literatura. Ham, o chimpanzé, não teria compartilhado suas impressões sobre o espaço. Não teria se aventurado na poesia. Não teria pensado em ler aqueles trechos da Bíblia que expressavam como era ter deixado a órbita da Terra e mergulhado no espaço. Ver a Terra nascer ao longe era a posição perfeita para ler o mito da criação mais influente concebido pelos seres humanos.

O mais emocionante na leitura da Apollo 8 é que foi feita por pessoas sem formação literária que se viram numa situação incomum e usaram suas próprias palavras, bem como as palavras de um texto antigo, para expressar aquela experiência. Os três astronautas me fizeram lembrar que os protagonistas mais importantes da história da literatura não são necessariamente autores profissionais. Em vez disso, encontro um elenco de personagens inesperados, de contadores da Mesopotâmia e soldados espanhóis analfabetos, até um advogado na Bagdá medieval, um rebelde maia no sul do México e os piratas das baías pantanosas da Louisiana, no golfo do México.

Mas a lição mais importante da Apollo 8 diz respeito à influência de textos fundamentais como a Bíblia, textos que acu-

mulam poder e significado ao longo do tempo, de tal modo que se tornam códigos-fonte para culturas inteiras, contando aos povos de onde eles vieram e como deveriam levar suas vidas. No início, esses textos eram frequentemente repetidos e transmitidos por sacerdotes, que os reverenciavam e os preservavam no centro dos impérios e nações. Os reis promoviam esses textos porque percebiam que uma história poderia justificar conquistas e proporcionar coesão cultural. Textos fundamentais primeiro floresceram em bem poucos lugares, mas à medida que sua influência se disseminava e surgiam novos textos, o mundo se assemelhava cada vez mais a um mapa organizado pela literatura — pelos textos fundamentais que dominavam determinada região.

O crescente poder desses textos pôs a literatura no centro de muitos conflitos, inclusive da maioria das guerras religiosas. Mesmo na era moderna, quando retornaram à Terra, Frank Borman, James Lovell e William Anders foram recebidos por uma ação judicial impetrada por Madalyn Murray O'Hair, uma atea sem papas na língua que pedia aos tribunais que impedissem a Nasa de fazer no futuro qualquer “leitura da Bíblia da religião cristã sectária [...] no espaço e em relação a toda a futura atividade de voos espaciais”.¹⁴ O'Hair estava ciente da força modeladora desse texto fundamental, e não gostava disso.

Mas ela não foi a única a contestar a leitura da Bíblia. Enquanto circundava a Lua, Borman recebia do controle de comando em Houston atualizações periódicas das notícias, o *Interstellar Times*, como o chamavam. Foi assim que ele soube dos soldados libertados no Camboja e acompanhou o destino do *Pueblo*, um navio da Marinha americana capturado no início daquele ano pela Coreia do Norte.

O *Pueblo* foi notícia de primeira página do *Interstellar Times* todos os dias, de modo a lembrar Borman que estava lá em cima para que o mundo livre ganhasse a corrida à Lua contra a União

Soviética e o comunismo. A missão da Apollo 8 fazia parte da Guerra Fria, e a Guerra Fria tinha muito de uma guerra entre textos fundamentais.

A União Soviética havia sido fundada com base nas ideias articuladas num texto muito mais recente do que a Bíblia. O *Manifesto do Partido Comunista*, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels e avidamente lido por Lênin, Mao Tsé-tung, Ho Chi Minh e Fidel Castro, tinha apenas 120 anos, mas procurava competir com textos fundamentais mais antigos, como a Bíblia. Ao planejar a leitura da Bíblia, Borman deve ter pensado no soviético Iúri Gágárin, o primeiro homem no espaço. O cosmonauta não pensara em levar o *Manifesto do Partido Comunista* para o espaço, mas, inspirado em suas ideias, declarou em seu triunfante retorno à Terra: “Olhei e olhei, mas não vi Deus”.¹⁵ Lá no espaço, travava-se uma batalha de ideias e livros. Gágárin derrotou Borman na corrida ao espaço, mas Borman prevaleceu com um poderoso texto fundamental.

A leitura que a Apollo 8 fez do Gênesis também ressaltou a importância das tecnologias criativas por trás da literatura, inventadas em diferentes partes do mundo e reunidas apenas de forma gradual. Borman escreveu os versículos do Gênesis usando um alfabeto, o código escrito mais eficiente, criado na Grécia. Ele registrou as frases em papel, um material conveniente que se originou na China e foi para a Europa e a América através do mundo árabe. Ele copiou as palavras de uma Bíblia encadernada como um livro, uma útil invenção romana. As páginas estavam impressas, uma invenção chinesa que depois foi aperfeiçoada no norte da Europa.

Foi apenas quando a narração cruzou com a escrita que a literatura nasceu. Antes, o relato de histórias existira em culturas orais, com diferentes regras e objetivos. Mas, depois que a narração se ligou à escrita, a literatura despontou como uma força no-

va. Tudo o que se seguiu, toda a história da literatura, começou com esse momento de interseção, o que significava que, para contar a história da literatura, eu teria de tratar tanto da narrativa quanto da evolução das tecnologias criativas, como o alfabeto, o papel, o livro e a impressão.

As tecnologias de contar e escrever histórias não seguiram um caminho linear. A própria escrita foi inventada pelo menos duas vezes, primeiro na Mesopotâmia e depois nas Américas. Os sacerdotes indianos se recusavam a escrever as histórias sagradas por medo de perder o controle sobre elas, sentimento compartilhado pelos bardos da África Ocidental, que viveram 2 mil anos depois, quase do outro lado do mundo. Os escribas egípcios adotaram a escrita, mas tentaram mantê-la em segredo, com a esperança de reservar o poder da literatura para si mesmos. Professores carismáticos como Sócrates se recusaram a escrever, rebelando-se contra a ideia de que os textos fundamentais tivessem autoridade e contra as tecnologias da escrita que os tornaram possíveis. Algumas invenções posteriores foram adotadas somente de forma seletiva, como quando os eruditos árabes usaram o papel chinês, mas não demonstraram nenhum interesse por outra invenção chinesa, a impressão.

As invenções relacionadas à escrita tinham muitas vezes efeitos colaterais inesperados. Preservar textos antigos significava manter vivas artificialmente suas línguas. Desde então, estudam-se línguas mortas. Alguns textos acabaram sendo declarados sagrados, o que provocou rivalidades e guerras encarniçadas entre leitores de diferentes escrituras. As novas tecnologias levavam às vezes a guerras de formato, como a batalha entre o rolo tradicional e o livro nos primeiros séculos da era cristã, quando os cristãos promoveram seus livros sagrados contra os rolos hebraicos, ou quando aventureiros espanhóis usaram suas Bíblias impressas contra a escritura feita à mão dos maias.

Enquanto uma grande história da literatura ia tomando forma em minha mente, eu a via se desdobrando em quatro etapas. A etapa inicial foi a dos pequenos grupos de escribas que dominaram sozinhos os primeiros e difíceis sistemas de escrita e, portanto, controlavam os textos que compilavam de contadores de histórias, como a *Epopéia de Gilgamesh*, a Bíblia hebraica e a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero. À medida que cresceu sua influência, esses textos fundamentais foram contestados, numa segunda etapa, por professores carismáticos como Buda, Sócrates e Jesus, que denunciaram a influência de sacerdotes e escribas e cujos seguidores desenvolveram novos estilos de escrita. Comecei a pensar nesses textos vívidos como literatura de professor.

Numa terceira etapa da literatura, começaram a surgir autores individuais, auxiliados por inovações que facilitaram o acesso à escrita. Embora esses autores imitassem textos mais antigos, escritores mais ousados, como a sra. Murasaki no Japão e Cervantes na Espanha, logo criaram novos tipos de literatura, sobretudo romances. Por fim, numa quarta etapa, o uso generalizado do papel e da imprensa deu início à era da produção em massa e da alfabetização em massa, com jornais e folhetos, bem como a novos textos, como a *Autobiografia de Benjamin Franklin* ou o *Manifesto do Partido Comunista*.

Juntas, essas quatro etapas e as histórias e invenções que as tornaram possíveis criaram um mundo moldado pela literatura. É um mundo no qual esperamos que as religiões se baseiem em livros e que nações se fundem em textos, um mundo em que conversamos rotineiramente com vozes do passado e imaginamos que podemos nos dirigir aos leitores do futuro.

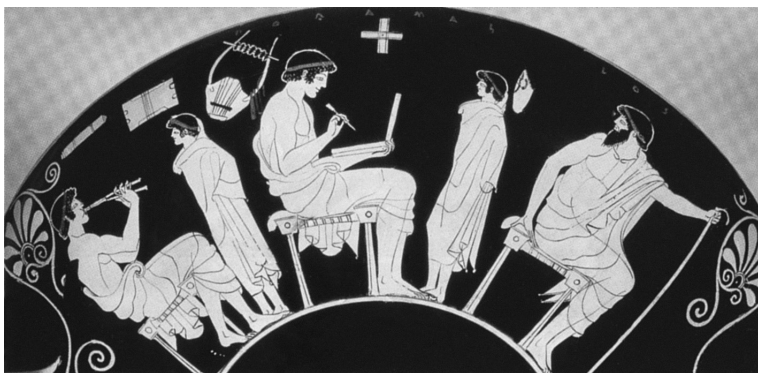
Borman e sua tripulação travaram uma guerra fria literária empunhando um texto antigo, e também fizeram uso de tecnolo-

gias antigas: livro, papel e impressão. Mas no cone de sua nave espacial havia ferramentas novas, computadores que tiveram seu tamanho reduzido para caber na cápsula da Apollo 8. Em breve, esses computadores inaugurariam uma revolução da escrita sob cujos efeitos estamos vivendo hoje.

Neste livro, a história da literatura é escrita muito à luz dessa última revolução em tecnologias da escrita. Revoluções dessa magnitude não acontecem com frequência. A revolução do alfabeto, iniciada no Oriente Médio e na Grécia, facilitou o domínio da escrita e ajudou a aumentar as taxas de alfabetização. A revolução do papel, iniciada na China e prosseguida no Oriente Médio, reduziu o custo da literatura e, assim, mudou sua natureza. Também preparou o cenário para a revolução da impressão, que começou no Leste Asiático e, centenas de anos depois, se espalhou para o norte da Europa. Houve revoluções menores, como a invenção do pergaminho, na Ásia Menor, e do códice, em Roma. Nos últimos 4 mil anos, houve alguns momentos em que as novas tecnologias transformaram radicalmente a literatura.

Até agora. Está claro que nossa atual revolução tecnológica está lançando para nós, a cada ano, novas formas de escrever, de e-mails e e-readers a blogs e tuítes, mudando não só o modo como a literatura é distribuída e lida, mas também como é escrita, à medida que os autores se ajustam a essas novas realidades. Ao mesmo tempo, alguns dos termos que começamos a usar recentemente parecem momentos anteriores da longa história da literatura: como os antigos escribas, estamos mais uma vez desenrolando textos e sentando curvados sobre tabuletas. Como compreender essa combinação de velho e novo?

Quando eu estava examinando a história da literatura, fiquei inquieto. Era estranho pensar sobre o modo como a literatura moldou nossa história e a história de nosso planeta enquanto permanecia sentado à minha escrivaninha. Eu precisava ir aos lugares onde surgiram os grandes textos e invenções.

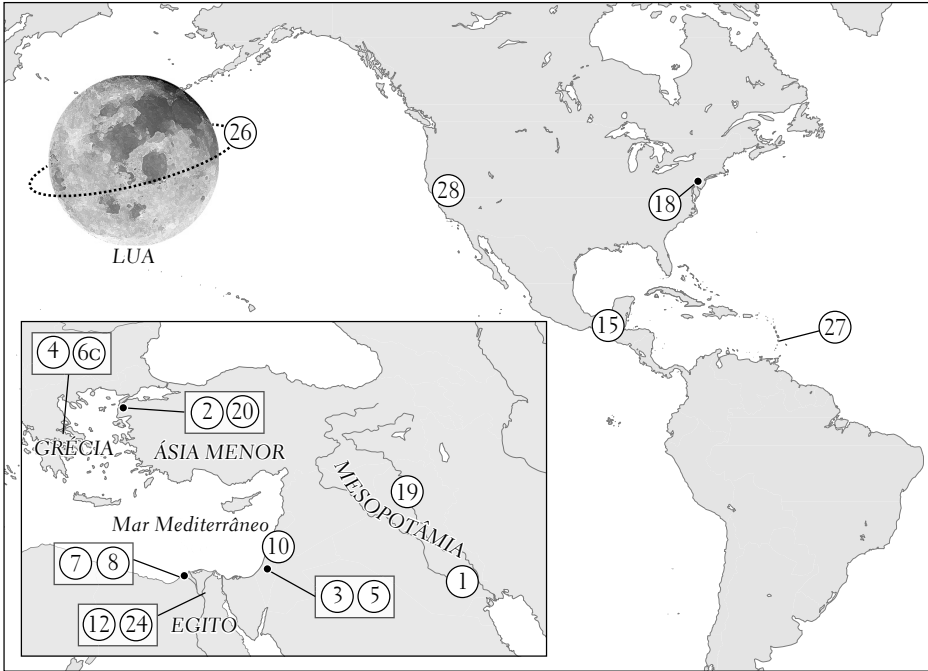


Escreba grego escrevendo numa tabuleta, tal como representado numa taça dos séculos IV a VI a.C. Os escribas gregos usavam tabuletas de cera que podiam ser apagadas e reutilizadas.

E assim fui de Beirute a Beijing e de Jaipur ao Círculo Ártico. Pesquisei ruínas literárias em Troia e Chiapas e conversei com arqueólogos, tradutores e escritores, procurando Derek Walcott, no Caribe, e Orhan Pamuk, em Istambul. Fui a lugares onde a literatura foi enterrada ou queimada e onde foi redescoberta e ressuscitada. Percorrendo as ruínas da grande Biblioteca de Pérgamo, na Turquia, refleti sobre como o pergaminho havia sido inventado ali e fiquei maravilhado com as bibliotecas de pedra da China, onde os imperadores queriam tornar permanente o seu cânone de literatura. Segui as pegadas dos autores de narrativas de viagens e refiz os passos de Goethe na Sicília, para onde ele tinha ido a fim de descobrir a literatura universal, e também procurei o líder do movimento zapatista no sul do México, porque ele usara a antiga epopeia maia *Popol Vuh* como arma de resistência e insurreição.

Nessas viagens, foi quase impossível dar um único passo sem encontrar alguma forma de história escrita. Em seguida, tentei transmitir essa experiência contando a história da literatura e como ela transformou nosso planeta em um mundo escrito.

MAPA do



LINHA do TEMPO do MUNDO da ESCRITA

① ①

c. 2100 a.C.

Primeiras histórias de Gilgamesh, em escrita cuneiforme

ATUAL IRAQUE

②

c. 1200 a.C.

Troia destruída pelos gregos

ÁSIA MENOR, ATUAL TURQUIA

③

c. 1000 a.C.

Fontes mais antigas da Bíblia hebraica

JERUSALÉM

④

c. 800 a.C.

Histórias homéricas da Guerra de Troia em alfabeto grego

GRÉCIA

⑤

c. 458 a.C.

Esdras declara sagrados escritos hebraicos

JERUSALÉM

⑪

868

Sutra do diamante, a mais antiga obra impressa existente

DUNHUANG, CHINA OCIDENTAL

⑫

879

Mais antigo fragmento em papel das Mil e uma noites

EGITO

⑬

c. 1000

Sra. Murasaki escreve o Romance de Genji, primeiro romance

KYOTO, JAPÃO

⑭

Década de 1440

Gutenberg reinventa a imprensa inspirado provavelmente em modelos asiáticos

MAINZ, ALEMANHA

⑮

Década de 1550

Popol Vuh escrito em alfabeto latino

CHIAPAS, MÉXICO

⑳

1827

Goethe anuncia a "era da literatura universal"

WEIMAR, ALEMANHA

㉔

1848

Publicação do Manifesto do Partido Comunista

LONDRES

㉓

Década de 1930

Akhmátova escreve poesia secreta e depois queima

SÃO PETERSBURGO, RÚSSIA

㉔

1947

Descobre-se um fragmento das Mil e uma noites

EGITO

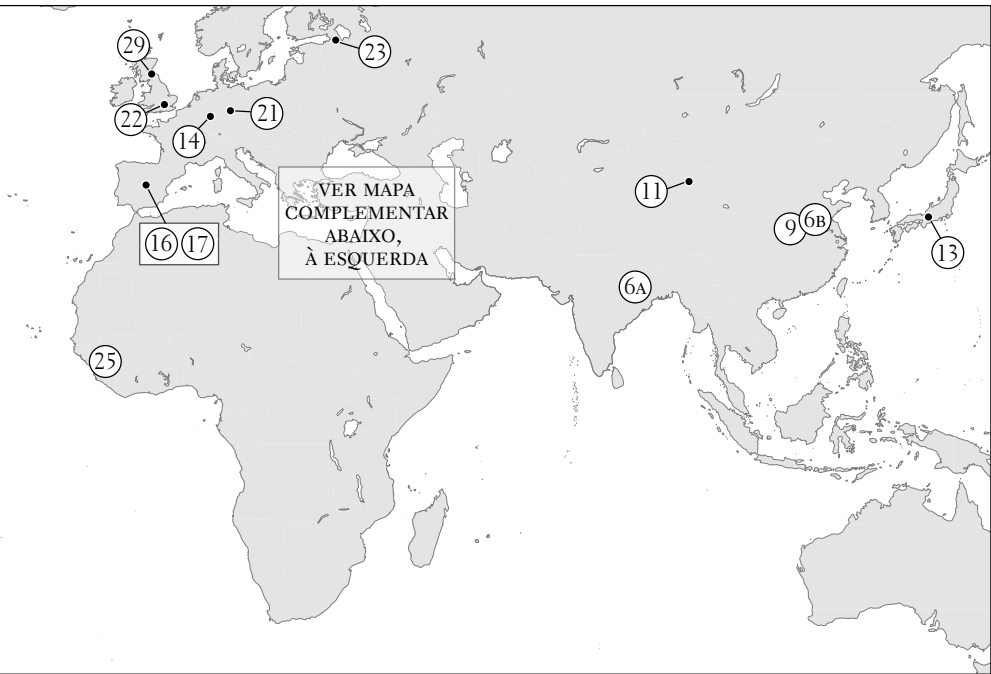
㉕

1960

Epopeia de Sundiata ganha versão escrita

GUINÉ, ÁFRICA OCIDENTAL

MUNDO da ESCRITA



6

Século v a.C.
Buda, Confúcio e Sócrates vivem e ensinam
(A) NORDESTE DA ÍNDIA
(B) LESTE DA CHINA
(C) ATENAS, GRÉCIA

7

c. 290 a.C.
Construção da Biblioteca de Alexandria, destruída em parte em 48 a.C.
ALEXANDRIA, EGITO

8

c. 270 a.C.
Bíblia hebraica é traduzida para o grego
ALEXANDRIA, EGITO

9

c. 200 a.C.
Invenção do papel
PROVÍNCIA DE HENAN, CHINA

10

c. 30
Jesus vive e ensina
MAR DA GALILEIA, ISRAEL

16

1605
Miguel de Cervantes publica Dom Quixote, 1ª parte
MADRI, ESPANHA

17

1614
Publicação da 2ª parte não autorizada de Dom Quixote; Cervantes escreve sua continuação um ano depois
MADRI, ESPANHA

18

1776
Franklin assina a Declaração de Independência
FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA

19

1849
Epopeia de Gilgamesh é desenterrada nas ruínas de Nínive
PERTO DE MOSSUL, IRAQUE

20

1871
Começa a escavação de Troia
TURQUIA

26

1968
Tripulação da Apollo 8 lê o início do Gênesis
ÓRBITA LUNAR

27

1990
Derek Walcott publica Omeros
SANTA LÚCIA

28

Década de 1990
Navegadores da web iniciam a revolução da internet
ESTADOS UNIDOS / CIBERESPAÇO

29

Década de 2000
Harry Potter torna-se best-seller mundial e franquia
EDIMBURGO, REINO UNIDO

1. O livro de cabeceira de Alexandre

336 A.C., MACEDÔNIA

Alexandre da Macedônia é chamado de Grande porque conseguiu unificar as orgulhosas cidades-Estados gregas, conquistar todos os reinos entre a Grécia e o Egito, derrotar o poderoso exército persa e criar um império que se estendeu até a Índia — em menos de treze anos. Pergunta-se desde então como um governante de um reino grego menor foi capaz de realizar essa façanha. Mas sempre houve uma segunda pergunta, mais atraente para mim: antes de mais nada, por que Alexandre quis conquistar a Ásia?

Ao pensar sobre essa questão, acabei por me concentrar em três objetos que Alexandre levava consigo em suas campanhas militares e que punha embaixo de seu travesseiro todas as noites, três objetos que resumiam o modo como ele via sua campanha. O primeiro era um punhal.¹ Ao lado dessa arma, Alexandre guardava uma caixa. E dentro da caixa estava o mais precioso dos três objetos: uma cópia de seu texto favorito, a *Iliada*.²

Como ele escolheu esses três objetos, e o que significavam para ele?

Alexandre dormia sobre um punhal porque queria escapar ao destino de ser assassinado como seu pai. A caixa ele a tomara de Dario, seu adversário persa. E a *Iliada*, ele a levou para a Ásia porque era a história através da qual via sua campanha e sua vida, um texto fundamental que se assenhorou da mente de um príncipe que viria a conquistar grande parte do mundo então conhecido.

A epopeia de Homero já era um texto fundamental para os gregos havia muitas gerações. Para Alexandre, adquirira a importância de um texto quase sagrado, e é por isso que sempre o levava consigo em sua campanha. É o que fazem os textos, sobretudo os fundamentais: eles alteram a maneira como vemos o mundo e também como atuamos nele. Esse era decerto o caso de Alexandre. Ele foi induzido não só a ler e estudar esse texto, mas também a reencená-lo. Alexandre, o leitor, se pôs dentro da narrativa, vendo sua própria vida e sua trajetória à luz do Aquiles de Homero. Alexandre, o Grande, é bem conhecido por ser um rei extraordinário. Acontece que era também um leitor extraordinário.

UM AQUILES JOVEM

Alexandre aprendeu a lição do punhal quando ainda era príncipe, num momento decisivo de sua vida.³ Seu pai, o rei Filipe II da Macedônia, estava casando uma filha e ninguém poderia se permitir a recusar o convite para a celebração. Emissários das cidades-Estados gregas teriam sido enviados, junto com visitantes de terras recentemente conquistadas na Trácia, onde o Danúbio desemboca no mar Negro. Talvez estivessem presentes até alguns persas, atraídos pelos sucessos militares de Filipe. O pai de Alexandre em breve realizaria um grande ataque à Ásia Menor e